

Do deserto ao mar de gente: reflexões sobre agenciamentos de memória no Carnaval de Belo Horizonte ¹

Viviane da Silva²

Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

Resumo

O artigo reflete sobre os agenciamentos de memória do Carnaval de Belo Horizonte, investigando o hiato ocorrido entre a década de 1990 e 2009, e o ressurgimento da festa por mobilização popular. Por meio de autores como Pollak (1992) e Abreu (1998) e da metodologia de análise da materialidade audiovisual de Emerim, Coutinho e Finger (2023), analisamos uma reportagem do jornal O Tempo (2023) para discutir como as disputas de sentido agenciam as memórias sobre o carnaval da cidade. A pesquisa aponta as raízes do carnaval de Arraial Curral Del Rei até a contemporaneidade, evidenciando o tensionamento entre tradição e modernidade. A análise revela que o Carnaval belo-horizontino atua como espaço de resistência e promoção turística, sendo essencial para compreender as dinâmicas de memória e poder na capital mineira.

Palavras-chave

Belo Horizonte; Memória; Disputas de Sentido; Carnaval.

Introdução e Contexto Histórico

Belo Horizonte tornou-se reconhecida pelo seu Carnaval de relevância nacional nos últimos anos, que atrai multidões por meio dos inúmeros blocos de rua. No entanto, a festividade belo-horizontina já enfrentou um período de diminuição drástica, tendo suas ruas principais esvaziadas da década de 90 até o ano de 2010. Segundo Louvisi (2023), o Carnaval de Belo Horizonte enfraqueceu nesse período tanto devido às inundações em regiões por onde as escolas passavam, quanto pela ausência de apoio da prefeitura.

Essa falta de suporte municipal, que não se restringia apenas ao Carnaval, culminou em um acontecimento determinante para a mudança do contexto carnavalesco na cidade: a proibição do uso da Praça da Estação para grandes eventos, via decreto publicado pelo então

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa: Comunicação Organizacional, Cultura e Cidadania, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Doutoranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Grupo de Pesquisa Aurora - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Organizações e Lutas Sociais. E-mail: silvaviviane.1995@gmail.com.

prefeito Márcio Lacerda em 2009. Após a manifestação popular denominada “Praia da Estação”, novos blocos de rua nasceram e cresceram em número de participantes. Pouco tempo depois, a atuação da Belotur, agência responsável pelo turismo de Belo Horizonte, entra em cena ao abrir editais de patrocínio (Dias, 2015, p. 127) e, após três anos, ocorre o recorde de foliões nas ruas.

Memória, Identidade e Disputas de Sentido

A matéria especial “Do deserto ao mar de gente: relembre a história do Carnaval de BH”, produzida pelo jornal O Tempo em 2023, relata o recorde de foliões. O vídeo, publicado no *YouTube*, permite refletir sobre como o novo contexto constitui um agenciamento da memória do Carnaval belo-horizontino e como as memórias sobre territórios estão sempre condicionadas a agenciamentos e disputas de sentido.

Segundo Pollak (1992), a memória organizada ocorre por meio da determinação de quais acontecimentos serão gravados, fenômeno que incide na construção do sentimento de identidade. Abreu (1998) discute as múltiplas memórias sobre e na cidade, pois não é possível reter todo o passado e o espaço sofre a constante mudança da circulação de pessoas. Nesse sentido, o Carnaval belo-horizontino não se restringe apenas a um sentido; múltiplas memórias o organizam, estando sempre sujeitas aos tensionamentos de diversos atores sociais e a disputas populares e políticas.

Além disso, ao tratar das memórias que incidem sobre Belo Horizonte, é preciso considerar que o Carnaval está intimamente ligado aos traços de tradição e modernidade que envolveram a constituição da cidade. O projeto da nova capital mineira, planejado por Aarão Reis, foi concebido, segundo Baggio (2005), como uma capital inspirada na modernidade europeia e nos valores liberais. No entanto, Belo Horizonte integra o contexto explorado por Quijano (2005) sobre a América Latina, observando como a escravidão, a servidão e a produção mercantil serviram aos propósitos capitalistas.

Apesar de o vídeo do jornal O Tempo apresentar dois contextos do Carnaval belo-horizontino, a festividade antecede a fundação da cidade. O entrudo³ acontecia desde o

³ O entrudo foi uma festividade de origem portuguesa e de raízes culturais africanas, introduzida no século XVIII. O entrudo consistia em uma brincadeira que promovia guerra de água, farinha e perfume (PBH, 2024, p.66).

antigo Arraial Curral Del Rei (PBH, 2024, p. 66), uma brincadeira de rua que passou a ser considerada imoral e criminalizada pelas elites. As elites passaram a realizar festas eurocêntricas, como os bailes de máscaras, buscando coibir e apagar os costumes praticados, principalmente, pela comunidade negra do Arraial.

Apesar das proibições, Belo Horizonte viu nascer diversas formas de Carnaval; fosse pela elite ou pela população, a festividade se mantinha. Fora da Avenida do Contorno, foram criadas a Escola de Samba Pedreira Unida, em 1938, e a Escola de Samba Remodelação, do bairro Floresta, por volta de 1947 (PBH, 2024, p. 88-95). Movimentos culturais e políticos acompanharam o Carnaval belo-horizontino desde então.

Procedimentos Metodológicos e análise

A partir da matéria jornalística, e sem desconsiderar o contexto carnavalesco prévio à fundação da capital, buscamos analisar trechos do vídeo por meio da análise da materialidade audiovisual de Emerim, Coutinho e Finger (2023). Utilizamos os quatro eixos avaliativos desenvolvidos na metodologia apresentada por Silva (2024): “construção da narrativa: quem nos fala?”, “experiência dos sujeitos com o espaço”, “fotografia e vídeo” e “traços de tradição e modernidade”. Os eixos permitem formular perguntas direcionadas ao objeto de estudo.

A análise contribuiu para reiterar o aspecto político que constitui a memória do Carnaval, especialmente em Belo Horizonte. Principalmente nos eixos “quem nos fala?” e “experiência dos sujeitos com o espaço”, identificamos diferentes vozes que relatam a mudança da festa desde 2009, incluindo foliões, organizadores de blocos, jornalistas e figuras políticas, como o presidente da Belotur, Gilberto Castro. A jornalista Dani Franco, que conduz a matéria, reitera que a “valorização da cultura local, defesa das minorias, discussões políticas no geral sempre foram características muito importantes do Carnaval de Belo Horizonte” (O Tempo, 2023).

Essa afirmação reforça como a memória carnavalesca é influenciada pelas disputas de sentido entre diversos atores sociais. Como mencionado, o Carnaval que precede Belo Horizonte sofreu represálias e foi proibido pelas elites mineiras; naquele momento, a cultura local era motivo de repressão policial e medidas para imprimir valores eurocêntricos. No

entanto, manifestações de resistência e a continuidade de práticas pelas comunidades preservaram tradições até a atualidade, como se observa no dossiê do registro do samba⁴ de Belo Horizonte (2024).

Baldissera (2010) aborda o fazer turístico e os tensionamentos da comunicação ao buscar um sentido desejado. Os investimentos da Belotur, ao buscar patrocínio para os blocos, dão outra dimensão ao Carnaval turístico da cidade. Dani Franco define a festa como uma “ferramenta de movimentação da economia local”, e a empreendedora Rayssa Rosa relata uma relação com o Carnaval que começou como diversão e tornou-se comercial. Esses novos sentidos modificam as práticas da festividade e, conseqüentemente, as memórias agenciadas. O fazer turístico, nesse sentido, revela aspectos da comunicação organizacional na dimensão pública, da gestão estratégica do território, em que Belotur, representando uma cadeia de ações da própria prefeitura, coordena diferentes atores sociais para consolidar uma nova identidade da cidade, em busca de uma reputação turística.

As fotografias utilizadas na matéria reiteram o aspecto popular da festividade e os espaços ocupados pelos foliões, além de tensionarem a imagem da prefeitura, que ocupa outro lugar na festa, e dos comerciantes em seus postos de trabalho. Enquanto o presidente da Belotur, braço da administração pública, fala de sua mesa na sede da empresa, as demais entrevistas ocorrem em lugares simbólicos do Carnaval, como praças e ruas ocupadas pelos blocos. A imagem revela como as experiências com o espaço se diferenciam conforme o posicionamento dos atores sociais em relação à festividade.

Considerações Finais

Tradição e modernidade estão em relação contínua. A modernidade que incide sobre o Carnaval de Belo Horizonte conserva elementos da tradição local. Ao levantar o histórico carnavalesco da cidade, Louvisi (2023) afirma ter recebido críticas sobre o passado da capital, pois a memória coletiva mais forte seria a de uma cidade que nunca teve Carnaval.

Essa percepção demonstra como o carnaval está em relação direta com as memórias urbanas de Belo Horizonte. Buscamos trazer panoramas iniciais sobre como a cidade pode ser um campo de tensões, principalmente na constituição de memórias sobre o carnaval e nos

⁴ Disponível em: <https://www.ufmg.br/horizontesdosamba/>. Acesso em 10 de Jan. de 2026

agenciamentos buscados pela administração da cidade, por meio da empresa mista Belotur. Nossa contribuição é pautada na busca de evidenciar como o discurso da matéria expõe um distanciamento constante entre a gestão da cidade com aquilo que se vive nas ruas pela população. É o campo de disputas discutido por Baldissera (2010), quando fala da dimensão da realidade turística que precisa ser mantida e negociada e que envolve sujeito, grupo, comunidade e sociedade.

Por meio do artigo, concluímos que a comunicação atua como principal agente de reconfiguração da memória urbana da capital quando observamos a mediação das tensões entre a prefeitura e a população. Reconhecemos que é preciso identificar elementos que extrapolem visões reducionistas sobre o campo simbólico do Carnaval. A matéria do jornal O Tempo é fundamental para compreendermos como os discursos contribuem para a constituição de memórias e nos provocam a pensar estratégias para identificar e aprofundar nesses agenciamentos.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Revista da Faculdade de Letras - Geografia I, série, Vol. XIV, Porto, p. 77-97, 1998.

BAGGIO, Ulysses da Cunha. **A luminosidade do lugar. Circunscrições intersticiais do uso de espaço em Belo Horizonte**: apropriação e territorialidade no bairro de Santa Tereza, Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Belo Horizonte, 2021 f, 2005.

BALDISSERA, Rudimar. **Comunicação Turística**. Caxias do Sul: Revista Rosa Dos Ventos - Turismo e Hospitalidade, vol. 1, n.1, p. 6-15, 2010.

DOSSIÊ DE REGISTRO DO SAMBA DE BELO HORIZONTE COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. Belo Horizonte: PBH, 2024.

DIAS, Paola Lisboa Côdo. **Sob a "lente do espaço vivido"**: a apropriação das ruas pelos blocos de carnaval na Belo Horizonte contemporânea. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

EMERIN, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2023.

LOUVISI, Victor Pinheiro. **Aspectos que Nunca são do Conhecimento do Público**: o Carnaval de Belo Horizonte pelas lentes da Globo Minas (1974-1983). Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI, 2023.

O TEMPO. **Do deserto ao mar de gente:** relembre a história do Carnaval de BH. Belo Horizonte, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xdhnm5-jbwQ>. Acesso em: 8 mar. 2026.

POLLAK, M. (1992). **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, 5 (10), 200-212.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** In: Edgardo Lander (Org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SILVA, Viviane da. **Bar do Orlando e Bar do Nonô:** produtos memorialísticos dos bares frente aos projetos de modernidade de Belo Horizonte. 182 f., enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2024.